

9. O que se passa na cabeça desse time?

O CONCEITO DE REFLEXIVIDADE

Desde o começo deste trabalho, chamou a minha atenção o quanto os sujeitos com quem entrei em contato pareciam ter uma capacidade reflexiva muito grande sobre o que eles estavam realizando no futebol. A partir deste capítulo, discutirei alguns dos principais temas acionados pelos próprios sujeitos durante nossas interações – especialmente durante as entrevistas. Para isso, estou partindo do conceito de *reflexividade*, a fim de entendermos de que modo esses jogadores apresentam consciência e dedicação ao exercício de pensar sobre o que está acontecendo com eles. Posteriormente, acionarei três *eixos temáticos* muito presentes nas falas deles: *conflitos*, *discursos* e *acontecimentos*.

Tentarei identificar também o quanto, de fato, esses jogadores têm conseguido ler os processos nos quais eles estão inseridos e o quanto alguns aspectos desses processos podem estar passando despercebidos para eles. Para isso, recorrerei também às observações participantes realizadas. É interessante apontar que a estratégia de olhar para os temas sobre os quais os sujeitos entrevistados mais refletem é uma forma de os interlocutores desta pesquisa nos indi-

carem o que é importante para discutirmos a respeito do objeto desta investigação. Se eles falam sobre conflitos, discursos e acontecimentos, isso significa que esses são eixos centrais para explicar a formação do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Por isso, as autoras, autores e autoras aos quais recorrerei para discutir esses temas – ao lado da análise da reflexividade sobre eles empreendida pelos interlocutores – irão nos ajudar a compreender mais sobre esses tópicos e relacioná-los ao nosso objeto de pesquisa.

George Mead (1972) faz uma discussão sobre reflexividade que foge da dicotomia entre indivíduo e sociedade, ao afirmar que a *mente* (*mind*) é a ligação entre esses dois. A mente é a inteligência reflexiva do ser humano, construída através dos processos de comunicação. É ela quem permite que sejamos capazes de conversar com nós mesmos da mesma maneira que conversamos com os outros. Através da mente, o indivíduo é capaz de pensar sobre si (*self*). Dessa forma, tornamo-nos objetos para nós mesmos. Entretanto, o si apenas se constrói a partir do movimento de nos colocarmos também no lugar dos outros. É que, na nossa mente, existe uma relação permanente entre duas instâncias – o *eu* e o *mim* – possibilitada pela reflexividade. Enquanto o eu expressa nossos desejos e tendências pessoais, o mim é a internalização do *outro generalizado* – abstração formada pela voz daqueles que consideramos *outros significativos*, ou seja, das pessoas importantes para nós nos processos de comunicação.

O mim que existe em nossa mente é um processo criativo, já que é formado por aquilo que imaginamos ser a visão dos outros. Isso quer dizer que o outro generalizado com o qual as nossas tendên-

cias pessoais dialogam é uma entidade criada por nós, que não reflete exatamente a visão dos nossos outros significativos. Portanto, as falas do nosso mim são coerções externas que não necessariamente aconteceram ou acontecerão de forma objetiva. Nesse sentido, é interessante notar que *o mim também sou eu*.

Ainda na perspectiva de Mead, a sociedade é permanentemente reconstruída pela *ação* coletiva dos indivíduos. No entanto, essas ações são resultado de reflexões empreendidas por eles a partir de *simulações* que ocorrem em suas mentes. Ou seja, antes de agir, nós imaginamos como será a nossa ação, como os outros vão reagir a ela e quais vão ser as consequências disso. Em outras palavras, nós *ensaiamos nossas ações* antes de realizá-las. É por isso que a mente faz a conexão entre os indivíduos e a sociedade. Dessa maneira, a sociedade atravessa os indivíduos pelo lado de dentro, sendo também modificada por eles a partir desse atravessamento. Por meio da *reflexividade voltada para a ação*, tanto indivíduos quanto sociedade são modificados. Nesse processo, os sujeitos constroem o mundo ao mesmo tempo que constroem a si mesmos.

A trajetória de Lúcio (Bharbixas, 2023) com o futebol foi marcada por reflexões que levaram a ações, como a criação do Bharbixas. Mesmo antes disso, quando adolescente, ele percebeu que o futebol era um espaço de afirmação da masculinidade, então concluiu que, se ocupasse esse meio, sua homo-orientação não seria descoberta. Esse “plano” criado em sua mente o orientou para a ação de inserir-se nesse esporte.

Eu meio que vi minha aptidão, ali, pro esporte, principalmente futebol e tudo. E, aí, meio que surgiu como um refúgio

pra mim, porque eu fui crescendo e fui juntando os pontinhos e, por questões, assim, de me proteger mesmo da sociedade, do preconceito, da discriminação e tal. Então, eu vi como a sociedade trata o esporte e, principalmente, o futebol, nessa questão de mascarar: eu ali no meio, camuflado, entre aspas, né, entre os meninos, ali... Eu tinha, na minha cabeça, que ninguém ia desconfiar de mim, né? Então, eu meio que mergulhei mesmo de cabeça no futebol. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) é outro jogador entrevistado que apresentou bastante esse processo. Enquanto trabalhava como jogador profissional, ele refletiu que essa carreira poderia não dar certo e, por isso, decidiu colocar em prática um “plano B”: “e, isso, assim, sempre estudando... jogando futebol e estudando, porque eu sabia que se [voz de riso], no fundo, não desse certo a questão de ser profissional, pelo menos tinha uma segunda via, né?”

A reflexividade gera *autoconhecimento* e, ao mesmo tempo, *compreensão do mundo* ao nosso redor. Apesar de a *reflexividade interna* não ser algo necessariamente transposto para um contexto objetivo, é possível que as pessoas façam isso através da linguagem. Na verdade, a reflexividade é um processo *multidimensional*. O diálogo interno não é a única forma de os indivíduos refletirem sobre si, pois também há a *reflexividade externa*, realizada através de práticas de *escrita* ou coletivamente nos *diálogos* estabelecidos com outras pessoas.

A reflexividade é *construída socialmente*, sendo dependente das circunstâncias sociais nas quais o indivíduo se insere e dos sujeitos e

grupos com quem sua mente dialoga. Nesse processo, coexistem em nós tendências construídas em cada um dos nossos espaços e momentos de socialização, como a família, a escola, o trabalho, a igreja etc. Essas tendências não são estanques, sendo constantemente atualizadas. Isso faz com que as nossas disposições sejam heterogêneas e, algumas vezes, até mesmo contraditórias. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me contou que a religião era uma referência que o impulsionava a pensar de uma certa maneira sobre a sua sexualidade.

No meu caso, isso tá muito atrelado à religião também. Então, eu frequentava igreja e tudo o que eu pedia para Deus era que eu deixasse de ser gay, que eu não queria ser gay. Então, tem todo esse processo de autoconhecimento que você vai passando. São fases da vida. E quando eu realmente me reconheci como homem gay, que tinha atração por outros homens... porque, até então, sei lá, até os meus 16 anos, eu sempre reprimi. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

A conversa de Daniel (ex-Bharbixas, 2023) com Deus, em sua mente, pode ser vista como a conversa de um eu com um outro generalizado. Nela, a voz de Deus provém das referências que esse jogador teve no seu processo de socialização enquanto cristão, seja na família ou na igreja, por meio da influência de sujeitos como familiares, padres, pastores ou pastoras. Nesse caso, essas referências eram uma dificuldade para que ele pudesse manifestar sua orientação sexual. Não somos capazes de controlar completamente aquilo que pensamos, pois os nossos grupos nos provêm esquemas mentais que delimitam os nossos campos de possibilidades. Além disso, o pro-

cesso reflexivo não é estritamente racional. As *emoções* do sujeito podem exercer um papel central nos processos reflexivos dele.

Ana Caetano (2011) distingue a reflexividade da capacidade cognitiva. A capacidade cognitiva pode ser usada para fazer um cálculo matemático, por exemplo. Já a reflexividade diz respeito à reflexão sobre a vida social do indivíduo, através da qual ele pensa sobre si mesmo ou sobre sua relação com os outros e o mundo social do qual faz parte. Também há pensamentos cotidianos que não se enquadram como reflexivos, tais como: “será que vai chover hoje?” ou “onde será que estão as chaves?” Isso porque a reflexividade exige um pensamento de reflexão sobre si.

No entendimento de Bernard Lahire (2002), os indivíduos são capazes de racionalizar e atribuir sentido às suas escolhas e ações. Ele acredita que a reflexividade é acionada por todos os sujeitos, não só em momentos de crise, mas também em situações cotidianas. No entanto, isso não quer dizer que tudo o que fazemos seja determinado reflexivamente. Grande parte das ações cotidianas é realizada de forma *pré-reflexiva*, a partir da repetição não consciente de atos. Essas duas situações se sucedem e se intercalam, inclusive em relação a ações de um mesmo tipo. O autor chama de *disposições* as nossas formas de agir que não passam pela reflexão. Elas operam, na maioria das vezes, sem serem questionadas, mas podem, eventualmente, também se tornar objeto de autorreflexão.

Um membro do Bárbaros (SP) que eu entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) refletiu sobre algo que os jogadores do seu time, na sua visão, fazem de maneira espontânea, sem planejar ou se esforçar para agir dessa forma.

No nosso time, a gente é muito amigo, a gente é muito junto. Então, naturalmente, quando a gente tá entre amigos, a gente tem um comportamento mais espalhafatoso, a gente tem um comportamento um pouquinho mais, como fala? Mais eufórico. E, aí, a gente até faz aqueles gritos, né? “Ai, sua louca!” E se trata até no feminino... O que é natural, a gente tá entre amigos. (Membro do Bárbaros, 2019)

Isso nos leva a pensar que a manifestação de gênero espontânea é pré-reflexiva. Por outro lado, a intencional é constitutivamente reflexiva. Isso porque a espontânea acontece sem que tenhamos que pensar a respeito dela, enquanto a intencional só passa a existir como uma estratégia formulada em nossa mente e voltada para a ação.

No aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, um membro do ManoTauros com quem conversei me disse uma coisa e, logo em seguida, agiu de forma contraditória a ela. Ele me contou que jogava no Bharbixas, mas saiu desse time porque não é de dar *close*, nem de dançar. Apesar disso, ele dançou de forma descontraída algumas das músicas que tocaram em seguida. Obviamente, o meu contato com ele foi superficial, não sendo possível fazer uma avaliação mais detalhada, mas o caso remete à possibilidade de, às vezes, não pararmos para refletir sobre nosso próprio comportamento, ou, talvez, de não sermos sinceros para nós mesmos sobre ele. No entanto, é preciso considerar a hipótese de que ele tenha querido dizer apenas que não gostava de dançar enquanto jogava.

José Domingues (2002) defende que a modernidade faz com que a reflexividade individual seja demandada mais do que nunca, devido

à abertura de possibilidades para as escolhas e ações. Nesse contexto, esse autor dá destaque a outras formas não verbais de reflexividade: “outros tipos de símbolos, em particular por imagens, e mesmo de conceitos, pré-linguísticos [...] têm de ser levados em conta para que um quadro completo da reflexividade possa ser traçado” (*ibidem*, p. 63). Quando entrevistei Daniel (ex-Bharbixas, 2023) por videochamada, notei que havia um quadro na parede atrás dele. No final da entrevista, perguntei a respeito.

Pesquisadore: Esse quadro que tá atrás de você é um viado?

Daniel (ex-Bharbixas, 2023): [olha para trás] É. [ambos riem] Eu tinha um lá no Brasil que eu não pude trazer, que era assim... Foi o que mais me deixou chateado. Ele era todo colorido, assim, enorme, e eu não pude trazer. As lembranças do Bharbixas ainda. [risos]

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) inseriu esse objeto gerador de reflexão em uma narrativa, como fazemos frequentemente ao refletir sobre algo. Maria Passeggi (2021) destaca a importância dessa *reflexividade narrativa*. Para ela, narrar as nossas experiências dá sentido a elas, permite-nos pensar no que ainda está por acontecer, além de também nos levar a imaginar de que outras formas as coisas poderiam ter sido. Esse processo faz com que a pessoa reconstrua os entendimentos sobre si mesma. Tal exercício pode sempre ser refeito, reelaborando essa narrativização e chegando a uma visão diferente de si. Através da memória, a reflexividade narrativa conecta fragmentos ilógicos que vão aparecendo na mente, no sentido de

dar uma coerência a eles. A reflexividade externa, por meio da escrita ou da fala, é muito importante para esse tipo de narrativização.

REFLETINDO SOBRE UM EU COLETIVO

A partir das falas dos meus interlocutores nesta pesquisa, percebi que a reflexividade nem sempre é um processo em que o pensamento se volta para um *si individual*. Os pensamentos reflexivos não necessariamente nos tomam como indivíduos, mas sim como membros de *coletividades*. Assim, quando eu penso sobre uma coletividade à qual pertenço, estou pensando *em mim como parte dela e nela como parte de mim*. Uma coletividade não é um ente que pensa em si mesmo sozinho. O Bharbixas, por exemplo, não reflete sobre si. Quem pensa sobre o Bharbixas são os membros do Bharbixas. O eu Bharbixas é um *eu coletivo*, um *nós*, cujas mentes reflexivas são as dos seus membros. Além disso, ainda é possível refletir sobre o *eu do outro*. Um membro do Bharbixas pode refletir não só sobre o Bharbixas, mas também sobre o ManoTauros. Pensar *sobre o outro* também é *pensar sobre si*. É comparar, é relacionar. Quando comecei a realizar as entrevistas com os meus interlocutores, no início deste trabalho, em 2018, o pensamento mais forte que tive foi que essas pessoas sabiam muito bem o que estava acontecendo com elas, o que elas estavam fazendo, e elas já haviam pensado anteriormente sobre o que elas estavam me falando. No entanto, as discussões sobre reflexividade costumam se voltar muito para o *si individual*. Nesse sentido, tive dificuldade de entender como o que eu via nos meus interlocutores poderia ou não ser visto como um processo reflexi-

vo. Mas percebi que toda a capacidade de refletir sobre si estava ali, porém voltada principalmente para esses eus coletivos, que são, de forma especial, os times sobre os quais este trabalho discute.

George Mead (1972) nos explica que a reflexividade é o pensamento que se volta para a ação. Ao pensarmos no eu coletivo, podemos identificar momentos em que os membros de uma coletividade pensam juntos sobre como vão agir. É o que pôde ser percebido quando Pedro (Bharbixas, 2018) contou sobre as intenções do Bharbixas no 1º Champions LiGay.

A nossa expectativa com a LiGay não era muito de ir pra ganhar o campeonato, sabe? A gente queria ir pra mostrar pros outros times que a gente também sabia jogar. Porque do Bharbixas pros outros times de futebol do Brasil existe uma certa discrepância no padrão das pessoas que jogam, sabe? Os outros times são [...] bem heteronormativos, sabe? [...] E o Bharbixas, desde o primeiro fim de semana, era aquela coisa afeminadíssima. [...] Então, assim, a nossa missão, a gente foi pra lá com a missão de mostrar: “olha, a gente é muito afeminado mesmo, mas a gente joga bola”. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) apresentava uma capacidade reflexiva voltada tanto para o seu eu individual quanto para um nós, enquanto jogadores de futebol LGBTQIAPN+ no contexto do desenvolvimento desse movimento esportivo no Brasil. Dessa forma, ele intercalava uma autoavaliação individual de si e do coletivo do qual fazia parte.

Acho que, como comunidade de futebol LGBT, todo mundo tem crescido muito, e as experiências têm sido muito boas.

É você, principalmente, crescer como ser humano dentro de um coletivo. E a gente tem crescido muito. E, assim, no meu caso, por exemplo, o futebol LGBT transformou a minha vida totalmente, porque eu poderia, se eu não tivesse encontrado o futebol LGBT, eu poderia ser um gay que ia votar no Bolsonaro, por exemplo, sabe? [risos] O futebol LGBT, ele me mudou totalmente como pessoa. Hoje eu consigo me comunicar muito melhor, eu consigo viver [ênfase em “viver”] muito melhor. Porque hoje eu consigo ser assumido no meu trabalho, por exemplo. Então, futebol LGBT, realmente, ele transformou muito a minha vida, e eu sou muito grato por isso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Um dos movimentos feitos por Daniel (ex-Bharbixas, 2023) é o de pensar o que poderia ter sido diferente. Ele imaginava que poderia ter se tornado uma pessoa distinta, inclusive votando em alguém que ele não votaria hoje, por exemplo. Na sua fala, ele intercalou uma reflexão sobre seu si individual e sobre si enquanto membro de uma coletividade, apontando que os demais membros têm passado pelos mesmos processos que ele, estendendo a sua experiência para uma vivência coletiva. Em relação ao seu time, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) refletiu sobre o projeto de equipe que ele e os demais fundadores do ManoTauros tinham e como ele não se concretizou.

O ManoTauros nasceu com a ideia, até pelo estilo do símbolo lá, o que a gente se inspirou, a escolha das cores, cores mais forte, mais masculinas, o grito de guerra, sabe? Era

tudo assim, digamos, mais masculino. A gente não aceitava, por exemplo, participar das questões de dança, dessas coisas. Mas, foram chegando pessoas com pensamentos divergentes. Então, foi convergindo, ali, numa coisa que ficava no meio-termo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Ele trouxe diferentes elementos para compor seu entendimento sobre como o time era, apontando-os como o “símbolo” de uma “ideia”. Com isso, ele refletia não apenas sobre o time, mas sobre a forma de organização de um pensamento sobre ele. Pensamento esse que era seu, mas também era de um nós, enquanto membros fundadores do ManoTauros. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) contou qual foi a reflexão que ele e os outros membros afeminados do Bharbixas fizeram quando a manifestação de gênero deles foi colocada em questão pelos membros fundadores do ManoTauros.

A gente falou: “olha, a gente não vai mudar a nossa identidade, a gente não vai mudar quem a gente sente bem ser, e é isso, sabe?” A gente até brincava que o bom de ser viado é ser viado, [voz de riso] sabe? Então, assim, não ter que performar uma heteronormatividade pra outros times ou outros campeonatos ou lugares que a gente estiver porque nós somos um time gay, sabe? Então, a gente só era a gente mesmo, né, nesse ponto, e isso não agradou alguns jogadores. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) se referia a um nós que precisa pensar sobre si, um si coletivo. Nesse sentido, o “eu tenho orgulho de ser afeminado” é também um “nós temos orgulho de sermos afemi-

nados”. A potência do pensamento e da emoção associada a ele se dá pelo caráter coletivo da experiência. Lúcio (Bharbixas, 2023) também se referiu à necessidade de um eu coletivo saber o que fazer frente a um novo cenário que se coloca diante si: “é um pontinho, aí, que a gente precisa analisar pra ver o que que a gente pode melhorar enquanto liga LGBT, né, de times, aí, que são muitos agora. Então, a gente precisa fazer com que todo mundo se sinta bem acolhido, né?” Nesse caso, o eu coletivo é expandido: não se trata apenas do Bharbixas, mas de todos os times LGBTQIAPN+ brasileiros. Dessa forma, os sujeitos negociam sua identidade com diferentes coletividades, ora menores e mais próximas, ora muito mais expandidas.

Falando sobre os nossos diálogos internos, Margaret Archer (2003) define dez atividades desenvolvidas por meio da reflexividade: avaliar, decidir, elucidar, ensaiar, estabelecer prioridades, imaginar, planejar, ponderar, reviver e simular conversas. Os jogadores entrevistados demonstravam diversas dessas habilidades durante minhas interações com eles, tanto referindo-se a si mesmos, enquanto eu individual, quanto ao seu grupo de pertencimento – como time ou, até mesmo, como pessoa LGBTQIAPN+. No entanto, destacaram-se principalmente as ações de avaliar, decidir, imaginar, reviver e simular conversas. Já vimos como as trajetórias pessoais e coletivas desses sujeitos são revividas por eles ao longo deste texto e ainda veremos outras manifestações desse processo. Simular conversas é uma habilidade bastante transversal, já que está diretamente ligada às conversações internas entre o eu e o mim, portanto, podemos perceber essa capacidade de forma bastante recorrente. Quanto às demais habilidades, irei destacar algumas dessas manifestações a seguir.

Roberto (Bharbixas, 2018) demonstrava uma capacidade de se *autoavaliar* e chegar a uma imagem de si mesmo frente ao quadro interacional no qual se encontrava.

Pesquisadore: Como que é a reação do time quando tem um membro que é mais heteronormativo, que é mais “cis”, como cê apontou, que tem uma aparência mais “hétero”?

Roberto (Bharbixas, 2018): Eu tenho um pouco esse perfil.

É curioso que, durante a entrevista, Roberto fazia referência a pessoas com essas características, atribuindo-as principalmente aos membros fundadores do ManoTauros, como Ângelo (ManoTauros, 2018). No entanto, nesse momento, ele se colocou também nesse lugar – ainda que, posteriormente, tenha feito toda uma reflexão sobre como o Bharbixas o transformou em relação a essa questão. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), demonstrou uma *avaliação* sobre o lugar das pessoas LGBTQIAPN+ no futebol, mostrando-se otimista e, ao mesmo tempo, crítico com o cenário que ele conseguia perceber.

A última Copa do Mundo, no Catar, apesar dos jogadores poderem ser punidos se usassem braçadeira, enfim, se tivesse alguma manifestação pró-LGBT... Apesar disso, o quanto que a gente falou sobre isso? Em qual outra Copa que a gente falava sobre isso? A gente não falava. Não existia esse tipo de comentário. Então, nesses últimos cinco anos, a gente evoluiu muito, muito, muito. Assim... de alguma maneira, a gente tá evoluindo ainda a passos de formiga, mas a gente tá evoluindo. A gente já tá falando, a gente já tá tocando na ferida. Mas, em

termos práticos, a gente ainda deixa muito a desejar, porque, por exemplo, você tem a FIFA, que é reguladora do futebol no mundo, que proíbe uma manifestação, né, pró- LGBT porque tem patrocinadores e tem muito dinheiro envolvido nisso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Durante toda essa fala, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) se referiu a um “a gente”. Ele pensava, refletia, escrutinava, avaliava, repensava, tudo sobre um “a gente” e não sobre um “eu”. Esse “a gente” é um eu coletivo que se refere às pessoas LGBTQIAPN+, mas, em outro grau, também se refere à toda a sociedade. “A gente” evoluir é a sociedade evoluir. Eu faço parte dessa sociedade, então pensar sobre a evolução dela é pensar sobre a minha evolução. Não existe “eu” isolado do “outro” nessa reflexão. Lúcio (Bharbixas, 2023) me falou sobre a identificação que os membros do Bharbixas tinham com artistas femininas, que passava por um processo de *avaliar* seus posicionamentos: “não só artisticamente, mas pela pessoa, né? Por tudo que elas pensam, tudo que elas agregam pra nossa comunidade. Então, a gente costuma gostar mais das mulheres artistas”. Nesse caso, pensar no outro, refletir sobre o outro é critério necessário para pensar sobre si: o que eu quero, o que eu gosto, com o que eu me identifico.

Na 5ª edição do Champions LiGay, alguns times fizeram performances na cerimônia de abertura. Um deles foi o Ball Cat’s, do Amazonas. Dois jogadores entraram com roupas, adereços e maquiagens indígenas. Na entrada, foram tocadas músicas típicas do estado. Eles receberam muitos aplausos, em um dos momentos de maior resposta do público durante o evento. É possível que isso indique

uma consciência crítica dos presentes em relação ao papel daquele time na competição, já que era o único time do Norte presente. Isso é também um pensar sobre o próprio evento e sobre o movimento do qual faziam parte e estavam construindo, fazendo uma *avaliação* sobre ele. Também nessa cerimônia de abertura, os membros do Ximangos (RS) foram acompanhados de uma drag queen com uma bandeira LGBTQIAPN+, vestindo o uniforme do time. Ela tirou o uniforme e ficou apenas de calcinha e com os mamilos tapados. Em seu corpo, estava escrito: “Trans tb pode”. No fim, ela beijou um rapaz. A performance indica uma reflexão sobre causas LGBTQIAPN+ que foram trazidas para o evento. Dessa forma, é possível perceber que o futebol LGBTQIAPN+ implica, também, em refletir não apenas sobre o futebol em si.

Quando Lúcio (Bharbixas, 2023) resolveu criar o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ brasileiro, ele *imaginou* que impacto aquilo poderia ter e quem poderia atingir: “eu não sabia que ia dar, não sabia que ia acontecer, mas eu falei: “às vezes, devem ter outros milhares, aí, milhões de pessoas gays também que gostariam de jogar futebol e não se sentem bem no espaço hétero”. Imaginar foi o que fez com que ele decidisse criar o time. Um time de futebol LGBTQIAPN+ é algo que Pedro (Bharbixas, 2018) também já havia criado em sua *imaginação*. Mas quando de fato conheceu um, o Bharbixas, viu que ele era diferente do que tinha pensado.

Eu acho que eu já tinha pensado nisso várias vezes, sabe? Idealizado. Imagina se existisse um lugar que só viado joga bola? E, quando eu cheguei lá, excedeu todas as minhas

expectativas, sabe? Que eu tinha imaginado que podia ser um espaço pra futebol onde homens gays fossem jogar, mas que fosse heteronormativo, fechado, aquela coisa, e quando eu cheguei lá não era nada disso. Então, assim, é um espaço que eu sempre quis que existisse e que virou realidade... (Pedro, Bharbixas, 2018)

Esse processo reflexivo implica em um antes e um depois. Se, antes, ele imaginava como o time seria, depois, ele passou a comparar o que havia imaginado com a experiência que estava tendo de fato, fazendo um processo recursivo sobre a reflexão que havia feito anteriormente. Já Lúcio (Bharbixas, 2023) confiava que o que ele estava *imaginando* para ele enquanto jogador de futebol LGBT-QIAPN+iria acontecer. Ele destacou que esse não era um pensamento só dele, mas compartilhado.

Mas que eu acredito, e a gente vai chegar lá. É só ter paciência, como a gente sempre teve pra chegar até aqui. E é isso. Bom, o que conforta é saber que a gente não tá sozinho, né? Sempre vão ter pessoas do nosso lado acreditando, tendo esse sonho em comum. Então, quando a gente não tá sozinho, a gente se fortalece e a gente vai, sabe? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Nesse caso, saber que outros estão fazendo a mesma reflexão que a gente legitima e dá força à nossa próxima reflexão. Uma reflexividade coletiva é necessária para que as reflexividades individuais valham a pena. Também Lúcio (Bharbixas, 2023), no passado, ao refletir sobre o futebol e sobre a sua sexualidade, *decidiu* que poderia usar esse esporte para esconder sua homo-orientação.

Falei assim: “ok, pra mim, performar essa dupla personalidade aqui, o futebol vai permitir isso”. Tem todo esse preconceito, né, essa questão de masculinidade, essa coisa viril que o hétero performa jogando futebol. Então, assim, eu me encaixava ali. Eu falei: “ninguém vai suspeitar de mim”. Então, usei como refúgio, pra me proteger de certa forma. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) relatou aqui uma conversa interna, na qual ele falou algo para si mesmo. Mas esse diálogo foi também, ainda que não dito explicitamente, com um outro generalizado, sendo quem falou para Lúcio (Bharbixas, 2023) que o futebol era coisa de hétero. A decisão, nesse caso, também foi tomada depois da simulação de uma conversa. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me contou que, durante o período em que foi presidente da LiGay, refletiu sobre a situação que a liga vivia naquele momento, *decidindo* fazer uma mudança nela.

Quando veio a pandemia, a gente precisou se reinventar. Eu falei assim: “gente, a gente não consegue mais compor-tar a quantidade de times que existe. Então, a gente precisa fazer alguma coisa pra que esses clubes possam participar”. Porque existe uma fila de espera com 20, 30 equipes que iam demorar muito se fosse nesse formato de convite, por exemplo, a jogar, ou nem iam jogar LiGay. Então, primeiramente, eu tive a ideia de criar os regionais. Então, hoje, a gente tem competições, todas no primeiro semestre. A LiGay deixou de ser duas edições por ano pra ser uma edição só, uma edição

nacional. E, no primeiro semestre, a gente tem as competições regionais. Então, Copa Sul, Sudeste, Nordeste, Centro-Oeste. Cada região tem a sua Copa. E essa Copa, ela é classificatória pra LiGay. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Essa fala é bastante curiosa porque aponta para um movimento contrário do que discuti até agora. Aqui, um eu coletivo, a LiGay, transubstancia-se em um eu individual: Daniel. As decisões da LiGay são as decisões de Daniel, as ideias da LiGay são as ideias de Daniel. Isso indica que a reflexividade de um indivíduo também pode responder por todo um grupo. Para tomar sua decisão, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) precisou considerar problemas e imaginar cenários: não era possível a participação dos demais times no esquema que havia na época.

REFLEXIVIDADE NAS INTERAÇÕES

A reflexividade opera nos *processos interacionais* de forma contínua. Isso ocorre à medida que tentamos definir em nossa mente – a cada situação, lugar e pessoa interlocutora – a maneira correta de nos comportarmos, de que forma devemos falar etc. Nesse esforço, ajustamo-nos continuamente a partir de diversos parâmetros. Como destaca Ana Caetano (2013, p. 42), “estas dinâmicas de autodisciplina decorrem de reflexões levadas a cabo silenciosamente nas mentes individuais, mas também, por vezes simultaneamente, de diálogos reflexivos que os sujeitos mantêm com as pessoas com quem interagem”. Muitas vezes, acabamos agindo de maneira contrária à

que desejamos ou omitindo nossas opiniões por acharmos que essa não é a forma como o outro deseja que nós nos comportemos.

Lúcio (Bharbixas, 2023) contou que, quando o time resolveu participar de um campeonato convencional, ele e os demais membros pensaram sobre como os outros times os veriam se eles agissem da maneira como agem em partidas LGBTQIAPN+. Isso fez com que eles decidissem de que modo deveriam agir naquele momento.

A gente pensava mais na questão de: “será que o outro não pode interpretar como provocação? E isso aí fugir do que a gente tá buscando aqui como participação em um campeonato pra gente mostrar a nossa qualidade técnica? E isso se voltar contra a gente de certa forma?” Então, era meio que muito em consenso com todo mundo, e a gente tava ali pra mostrar nossa qualidade técnica e a gente deixava a nossa felicidade gay [ênfase em “gay”] pros ambientes que a gente se sentia acolhido, né? Então, infelizmente. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Essas *tentativas de adequação* podem ocorrer por longos períodos da vida, em relação ao que é esperado de nós. Isso vale para gays e sua relação com a afeminação ou com a prática esportiva, por exemplo. Para não frustrar expectativas, esses sujeitos podem resolver adotar ações como tentar se amascular ou, por outro lado, distanciar-se de esportes como o futebol. Na nossa interação com os outros sujeitos, outro aspecto importante, mas de caráter ambivalente, são os *feedbacks* que eles nos dão sobre a forma como estamos nos comportando. Se, em alguns momentos, é como se o outro

fizesse uma reflexão sobre nós e a entregasse-nos como um presente que demonstra preocupação e afeto, em outros, esses comentários podem chegar a nós como críticas ou repreensões.

De todo modo, a *argumentação* é uma ferramenta essencial na construção do processo reflexivo. Selma Leitão (2007) fala em “autoargumentação” quando argumentamos com – ou contra – nós mesmos em nossa mente. São partes fundamentais do pensamento reflexivo a consideração de ideias alternativas e a defesa de pontos de vista, gerando um processo de negociação. É interessante pensar que, mesmo quando os dois participantes de um diálogo – seja ele um diálogo interno na mente do indivíduo ou um diálogo objetivo entre duas ou mais pessoas – estão concordando, ainda assim eles estão argumentando contra um ente imaginário que tem um ponto de vista contrário. Inclusive, enquanto o indivíduo fala, ele próprio pode antecipar um contra-argumento, ao pensar sobre o argumento que está construindo, e respondê-lo na continuação da sua própria fala, antes mesmo de o contra-argumento vir a acontecer. Ao verbalizarmos os pensamentos, eles se tornam mais compreensíveis para nós mesmos.

Um membro do Futeboys (SP) que entrevistei na 5ª edição do Champions LiGay (2019) disse o seguinte depois de eu ter feito uma pergunta a ele: “olha, vou pensar um pouco, então eu vou falar enquanto eu penso”. Quando conversei com Lúcio (Bharbixas, 2023), ele apresentava um posicionamento cético sobre algumas questões em torno do futebol LGBTQIAPN+, por isso, algumas vezes, ele tentava decidir o que seria melhor falar: “a todo momento eu tou

pensando, assim, na minha cabeça: ‘tá! Eu dou a resposta sincera ou eu dou a resposta pra trabalho?’, assim, sabe? Porque eu não quero botar um balde de água fria na coisa”. O raciocínio dele apontava que algumas respostas seriam mais adequadas ao trabalho que eu estava desenvolvendo, mas elas não correspondiam ao que ele realmente pensava. Esse outro trecho de uma fala dele mostra esse conflito interno: “então, [pausa] meio que... [pausa] o cenário... ah, não queria falar essas palavras não, porque parece que eu tou jogando balde de água... parece que falo só mal...” Ele parecia demonstrar uma preocupação com o ponto de vista dos outros times: o que eles iriam pensar dessas opiniões, elas os afetariam de alguma forma negativa?

No pensamento reflexivo, o indivíduo reflete não só sobre o tema da sua reflexão, mas também sobre o próprio discurso que está elaborando em sua mente. Assim, esse é um *pensamento que reflete sobre si mesmo*. Nesse movimento, não só os objetos do mundo, mas também as nossas concepções dele viram objeto de reflexão. Nesse sentido, o alcance do pensamento reflexivo se estende também à reflexão sobre o mundo em que vivemos, de forma *metacognitiva*. Esses pensamentos não são construídos individualmente, mas, como apontado previamente aqui, têm natureza social e dialógica.

A REFLEXIVIDADE EXTERNA

Como dissemos anteriormente, a reflexividade não aparece apenas como diálogo interno, mas também de forma externa, por meio de processos de escrita ou de conversas com outras pessoas. E vimos, também, como algumas das habilidades reflexivas elencadas por

Margaret Archer (2003) – tais como avaliar, decidir e imaginar – foram apresentadas pelos jogadores. Ainda que essa autora se refira apenas a diálogos internos, é possível pensarmos no desenvolvimento dessas habilidades também por meio da interação com outras pessoas ou do processo de escrita. Dessa forma, é possível identificarmos uma série de momentos em que a reflexividade também opera *em grupo*. No caso dos times de futebol LGBTQIAPN+, por exemplo, isso poderia se apresentar no planejamento do funcionamento das equipes, nas tomadas de decisão sobre elas, no controle das despesas etc. De fato, foi possível perceber que a reflexividade em grupo se aplicava especialmente nas necessidades de decidir.

Cláudio (ManoTauros, 2023) contou-me sobre uma importante *decisão* que ele e o restante do time precisaram tomar juntos a respeito do futuro da equipe. Trata-se de não participar da etapa Sudeste do Champions LiGay. Ao fazer isso, o time estaria automaticamente desistindo do campeonato nacional, já que a etapa regional é classificatória. Mas eles decidiram abrir mão dessa oportunidade para poderem se dedicar à participação em campeonatos convencionais, que estavam sendo seu foco naquele momento. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou que foi preciso que parte dos membros do Bharbixas insistissem bastante para que a outra parte *decidisse* participar pela primeira vez de um campeonato convencional: “então, com muita relutância, aquelas pessoas que já tavam ali, que já tinham mais vivência com futebol, acabaram convencendo do clube participar”. Ele também contou como passaram a ocorrer as deliberações em conjunto quando o Bharbixas se tornou uma equipe poliesportiva.

Foram criando outras modalidades, e cada modalidade foi tendo sua pessoa responsável. A gente chamava de *heads*, né, que seriam os cabeças, na tradução livre. Então, esses *heads*, eles eram os responsáveis por cada modalidade e trazia isso pra dentro da diretoria no geral. Faziam reuniões, determinava quais as competições que iam participar, quais os valores da mensalidade, qual que era que precisava de melhoria, enfim, o que a gente podia fazer junto. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Algumas atividades reflexivas são, inclusive, feitas de forma preferencialmente externa. É o caso da elucidação e da ponderação, por exemplo. Quando não entendemos algo ou estamos em dúvida sobre alguma decisão, é comum tentarmos refletir sobre isso junto com outra pessoa, pedindo ajuda a ela para refletir sobre a questão conosco. Nesses casos, frequentemente, primeiro tentamos elaborar um raciocínio sozinhos, em nossas mentes, para depois levá-lo ao outro já com algumas reflexões prévias. Além disso, como muitas das nossas ações precisam ser feitas coletivamente, a reflexividade externa é, com muita frequência, algo necessário e indispensável.

Bernard Lahire (2002) enfatiza a exterioridade da reflexividade através dos processos de escrita. O autor destaca que existem várias ações reflexivas que podem ser feitas por meio da produção de textos, entre elas: pensar, argumentar, desabafar, expressar emoções, elencar razões, listar tarefas, planejar horários, estabelecer rotinas, fazer planos, lembrar etc. Essa atividade gera um distanciamento frente aos nossos próprios pensamentos, tornando-os objetivos e permitindo um domínio maior sobre eles. Tal processo inclui uma diversidade de tipos de textos que podemos fazer no dia a dia, como

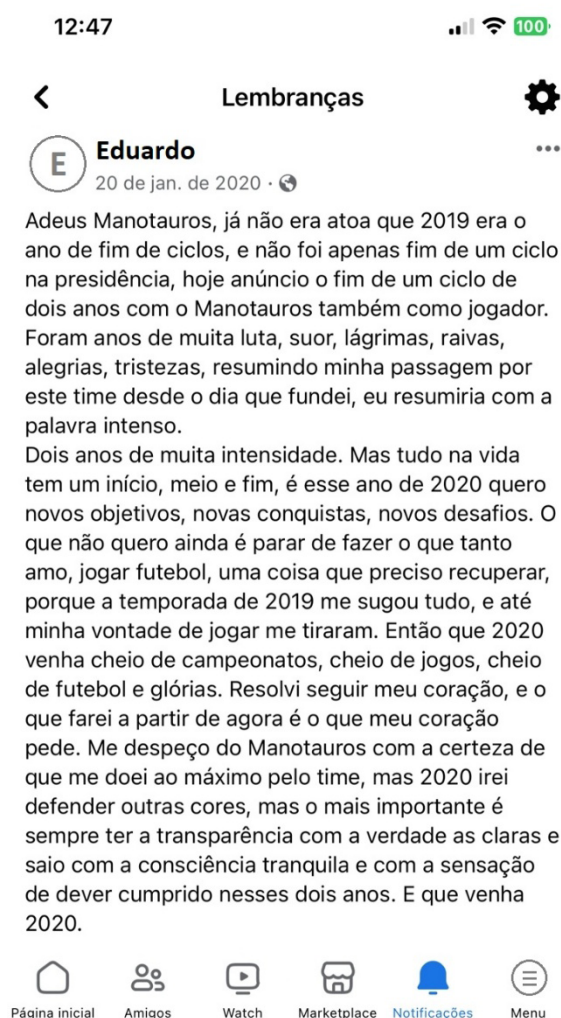
anotações, lembretes, agendas, registros financeiros, *planners* etc. Todas essas formas cotidianas de colocar ideias no papel – ou na tela – são chamadas de *escrita doméstica*.

Algumas vezes, os jogadores entrevistados me falaram sobre a objetivação de processos reflexivos dos times. Roberto (Bharbixas, 2018) explicou que o Bharbixas tinha um pensamento bastante definido sobre intolerância, mas ele não estava objetivado em forma de texto: “que eu saiba a gente não tem um regulamento escrito, nada assim, sabe? Oficial. Mas a bandeira do time é intolerância à intolerância. Qualquer um que chegar e não corresponder com o perfil do time, que é tolerância e apoio à diversidade, *tá fora*”. Quando comentou comigo sobre algumas matérias jornalísticas que haviam saído sobre o Bharbixas, Lúcio (Bharbixas, 2023) disse que poderia me mandá-las posteriormente, porque o time tem uma espécie de memória de alguns arquivos sobre ele: “inclusive, a gente tem até no drive essas matérias salvas. Se cê quiser, eu posso te mandar depois”.

Nesses processos, cada um de nós tem um conjunto de *competências reflexivas* para acionar. É preciso saber ler e escrever para produzir textos de linguagem verbal, por exemplo. Não ter algumas capacidades pode dificultar os processos reflexivos para algumas pessoas. Quem não sabe ler e fazer contas, por exemplo, tem obstáculos para refletir sobre sua vida financeira, especialmente quando é necessário realizar tarefas como consultar documentos fiscais. Lúcio (Bharbixas, 2023), por exemplo, em determinado momento da nossa conversa, precisou recorrer ao cálculo matemático enquanto capacidade reflexiva para desenvolver um argumento: “só que já vai pra [faz uma pausa para fazer as contas] cinco anos de movimen-

to”. Obviamente, esse é um exemplo bem banal, mas mostra como vamos acionando essas ferramentas que temos disponíveis para construir nossos pensamentos. Por outro lado, é possível adquirir competências reflexivas mais específicas, como a capacidade de usar determinados programas de computador que ajudam a materializar processos reflexivos.

Figura 18 – Lembrança de Eduardo sobre postagem de saída do ManoTauros



Fonte: *WhatsApp*/Eduardo

Descrição: A imagem é um *print* de uma lembrança mostrada a Eduardo pelo *Facebook*. Trata-se de uma postagem de 20 de janeiro de 2020. O texto da postagem é o seguinte: “Adeus, ManoTauros. Já não era à toa que 2019 era o ano de fim de ciclos, e não foi apenas fim de um ciclo na presidência. Hoje anuncio o fim de um ciclo de dois anos com o ManoTauros também como jogador. Foram anos de muita luta, suor, lágrimas, raivas, alegrias, tristezas. Resumindo, minha passagem por este time desde o dia que fundei, eu resumiria com a palavra “intenso”. Dois anos de muita intensidade. Mas tudo na vida tem um início, meio e fim. E, esse ano de 2020, quero novos objetivos, novas conquistas, novos desafios. O que não quero ainda é parar de fazer o que tanto amo: jogar futebol. Uma coisa que preciso recuperar, porque a temporada de 2019 me sugou tudo, e até minha vontade de jogar me tiraram. Então, que 2020 venha cheio de campeonatos, cheio de jogos, cheio de futebol e glórias. Resolvi seguir meu coração, e o que farei a partir de agora é o que meu coração pede. Me despeço do ManoTauros com a certeza de que me doei ao máximo pelo time, mas 2020 irei defender outras cores. Mas o mais importante é sempre ter a transparência com a verdade às claras, e saio com a consciência tranquila e com a sensação de dever cumprido nesses dois anos. E que venha 2020.”

A escrita não só exprime pensamentos, mas também faz surgir novos processos reflexivos, aprofundando ou reconstruindo ideias. Ao transformar pensamentos em texto, a pessoa faz um processo de elaboração deles, trazendo à tona emoções e lógicas que poderiam ficar em um estado pré-reflexivo. Esse é um processo que também podemos identificar a partir da fala, ao conversarmos com alguém sobre nós mesmos, ou a partir das interações com outras pessoas mediadas por texto escrito, como nas redes sociais. Isso é especialmente evidente também nos processos de *psicoterapia*. Nesse contexto, os textos reflexivos podem ser criados para uso pessoal ou

para serem *compartilhados* com outras pessoas. Nesse caso, elas podem dar retornos, acrescentando mais uma camada de reflexividade externa ao processo. A própria pessoa também pode refletir sobre o que havia pensado ao reler um texto que ela havia escrito anteriormente. É isso o que fez Eduardo (ex-ManoTauros, 2022), por exemplo, ao rever a postagem que havia feito ao se desligar do ManoTauros, como pode ser visto na Figura 18.³¹

Por coincidência, no dia em que entrei em contato com Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) por *WhatsApp*, estava fazendo exatos 3 anos que ele havia feito essa postagem no *Facebook*. Essa rede social mostra diariamente “lembranças” aos usuários, relembrando-os do que eles postaram naquele mesmo dia nos anos anteriores. Logo que Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) começou a conversar comigo, ele, espontaneamente, já me mandou o *print* dessa memória, que havia acabado de aparecer para ele. É interessante que ele tenha produzido esse texto para compartilhar com outras pessoas seus sentimentos ao sair do ManoTauros e que, agora, relendo-o, ele tenha querido, mais uma vez, compartilhá-lo comigo.

Roberto (Bharbixas, 2018) me relatou como o então Twitter e um *blog* eram ferramentas em que ele materializava alguns dos seus pensamentos sobre o futebol. Posteriormente, olhar para esses textos de novo foi uma forma de refletir sobre si e sobre sua trajetória.

31 A imagem foi alterada para que o nome pelo qual o jogador está sendo referenciado neste texto substituísse o seu nome real.

Eu, olhando meu Twitter, eu vi o quanto que eu era mais fanático ainda antes, mas era fanático de uma forma ruim, realmente pesada. Eu só falava daquilo. Mas, eu fui rever alguns textos... eu fui blogueiro de um blog de torcedores do Cruzeiro e eu escrevia sobre o Cruzeiro, sobre futebol. E, inclusive, eu melhorei muito a minha forma de escrever naquele período de mais ou menos um ano que eu publicava um texto a cada quinze dias. Eu lendo meus primeiros e meus últimos textos é incrível o quanto eu melhorei. Então, assim, o futebol me deu muita [ênfase no “muita”] coisa. (Roberto, Bhargava, 2018)

É interessante que, além de falar sobre a reflexão que havia feito sobre seus posicionamentos, ele também refletiu sobre suas próprias capacidades reflexivas, indicando como o processo reflexivo de escrita feito à época também o ajudou a escrever melhor. Nesse caso, o futebol o ajudou até mesmo nisso, motivo pelo qual ele destaca que esse esporte deu “muita coisa” a ele. É importante observar que, mesmo que ele não falasse de si nas postagens desse *blog*, de certo modo, um texto opinativo é também falar sobre si: é refletir sobre o que a pessoa acredita, o que ela acha, o que ela sente. É *refletir sobre si refletindo sobre o futebol*.

REFLEXIVIDADE E MÍDIA

Em trabalho anterior (Vieira 2012), discuti sobre como as telenovelas funcionam como suporte para o desenvolvimento da reflexividade

das telespectadoras, telespectadores e telespectadorus. Segundo Douglas Kellner (2001), as pessoas buscam nos meios de comunicação modelos de conduta. A relação entre os indivíduos e os produtos midiáticos pode levar os primeiros a mudarem perspectivas e formas de agir a partir dos modelos com os quais entram em contato. Tradicionalmente, as telenovelas, por exemplo, são um produto midiático que se liga à reflexividade das pessoas espectadoras brasileiras, mantendo um diálogo amplo com a realidade social. Por vezes, relacionam-se aos processos de mudança social que estão acontecendo no país, ao apresentarem novos modelos para as pessoas telespectadoras. Nesse contexto, Heloisa Almeida (2003, p. 22) afirma que as pessoas telespectadoras “comparam sua situação de vida ao que assistem e [...] reveem e reforçam seus pontos de vista, analisam suas vidas pessoais, o que lhes aconteceu antes, o que vivem naquele momento”. Para a autora, esse processo faz com que surjam críticas a modelos mais tradicionais, de forma que os valores progressistas acabam sendo mais valorizados. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou algo nesse sentido.

É legal que muita gente que sempre foi homofóbica a vida inteira, sempre foi conservador, principalmente, sei lá, as mulheres mais velhas, dona de casa, quando tem um gay na novela, que elas adoram, elas já adoram aquela bicha. Aí, já muda um pouquinho o conceito, já começa a gostar daquilo ali. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Kellner (2001, p. 27), a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, acredita que os produtos midiáticos “participam dos conflitos

sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso”. Por isso, a mídia não deveria ser pensada como um instrumento ideológico de um grupo dominante, mas sim como parte dos embates sociais envolvendo discursos e valores de diferentes grupos. Por meio da mídia, diversas vozes sociais fazem-se presentes. Desse modo, atentar-se para a mídia é uma forma de tentarmos identificar o que está se passando nas sociedades contemporâneas.

O destaque que a mídia deu à 1ª edição do Champions LiGay foi lembrado frequentemente pelos jogadores entrevistados. Pedro (Bharbixas, 2018) e Lúcio (Bharbixas, 2023) tinham memórias diferentes a respeito dos locais e veículos nos quais a vitória do Bharbixas tinha sido pauta. Pedro (Bharbixas, 2018) afirmava que o time havia sido citado em dois grandes jornais estadunidenses.

A gente foi ganhando visibilidade, principalmente depois que a gente participou do campeonato no Rio de Janeiro, e a gente ganhou o campeonato. A gente foi pauta em quase todos os veículos de mídia mineiros e nacionais. Teve matéria no *The Washington Post*, teve coisa no *New York Times*. A gente foi pauta, assim, num volume muito maior de canais de mídia, então o time ganhou uma representatividade maior, e isso trouxe mais pessoas. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Já Lúcio (Bharbixas, 2023) afirmava que as matérias jornalísticas haviam sido produzidas em quatro outros países.

A gente saiu em jornal português, teve um alemão, e teve dois países aqui na América Latina. Se eu não me engano, foi Uru-

guai. Eu não lembro porque, na época, eu não tava à frente do marketing. Eu só lembro que os meninos falaram assim: “ah, a gente saiu lá fora”. E, aí, a gente ficou: “gente, como assim a gente lá fora?” Teve até uma entrevista com uma pessoa entrevistando a gente em alemão e tal. Não foi alemão, mas tinha um tradutor e tal, aquela coisa, e aconteceu também. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Eu não consegui identificar as matérias citadas procurando por elas na internet, e eles também não as compartilharam comigo. No entanto, o que mais interessa aqui é a sensação de importância dada por eles à existência dessas supostas coberturas. Isso porque elas representariam uma exposição muito grande, e quanto maior a exposição, maior seria o sucesso. Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que a visibilidade na TV contribuiu para o avanço do futebol LGBTQIAPN+ em 2017. Ele apontou como pontapé inicial desse processo uma reportagem sobre a Taça Hornet que foi feita no *Profissão Repórter*, e, depois, as abordagens sobre esse tema no programa *Encontro com Fátima Bernardes*. Lembrando que foi vendo esse último programa que Lúcio (Bharbixas, 2023) teve a ideia de criar um time LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte. Roberto (Bharbixas, 2018) destacou a forte presença midiática do Bharbixas. Ele apontou que isso faria com que o time tivesse alcançado uma projeção maior do que a da maioria dos times profissionais do estado.

E se tornou um time de mídia próprio... Foi na *BH FM*³² acho que já duas vezes, foi na televisão, teve destaque na Parada [LGBTQIAPN+], foi fazer a festa no Mineirão. Então, eu vejo hoje um time que começou, assim, pequenininho, que poucas pessoas conheciam, a se tornar, sendo bastante um pouco exagerado, mas acho que não tanto, a se tornar *um dos principais times de futebol de Minas Gerais*. Amador, sim, mas se você pensar no Brasil inteiro, ninguém conhece o Guarani de Divinópolis, o Democrata de Valadares, mas tem muita gente que já conhece o Bharbixas porque foram na Fátima Bernardes, porque passou no... entendeu? Então eu acho que se tornou um time de expressão nesse contexto. (Roberto, Bharbixas, 2018)

O trecho da sua fala “sendo bastante um pouco exagerado, mas acho que não tanto” é curioso porque demonstra uma resistência interna em desenvolver esse argumento. É como se o mim dele dissesse, enquanto ele fala, que o argumento é exagerado, mas o si, no fim das contas, resolve manter o posicionamento. Para Roberto (Bharbixas, 2018), essa exposição gerava identificação e respostas positivas. Mas ele também destacou que a cobertura nem sempre era favorável ao time.

Quando foram na *BH FM* e fizeram um programa divertidíssimo, teve um que falou que, depois, ele tava com a camisa do

32 Estação de rádio de Belo Horizonte.

Bharbixas passeando no Centro, aí, uma tiazinha lá qualquer aleatória parou ele e: “ah, eu ouvi vocês na *BH FM* hoje... Ah, eu vi vocês na televisão”. As pessoas *começam a ver aquilo e simpatizar com aquilo*. Então, eu acho que existe essa recepção boa das pessoas, mas existe também a reação de quem não vai aceitar e não tá aceitando. Quando eles foram no *98 Futebol Clube*, da *98 FM*³³, tentaram de todas as formas provocar a questão da sexualidade e ficar fazendo piadinhas homofóbicas. Inclusive, o Pedro deu uma neles, e eles receberam algumas respostas, mas foi um programa extremamente machista e homofóbico. Mas os meninos se portaram muito bem na reação deles, assim, em manter a mensagem, entendeu? (Roberto, Bharbixas, 2018)

Um ponto bastante interessante é que os jogadores entrevistados se referem constantemente uns aos outros como tendo posicionamentos relevantes dentro dos times. Roberto (Bharbixas, 2018), por exemplo, foi quem me indicou Pedro (Bharbixas, 2018). Posteriormente, foi a relevância do primeiro apontada nas falas do segundo o que fez com que ele também se destacasse como um ator importante no time. De toda forma, Lúcio (Bharbixas, 2023) decidiu fazer uma mudança significativa na sua própria vida devido à exposição midiática que o time passou a ter.

33 Também é uma estação de rádio da cidade.

E com esse *boom midiático*... não que eu me vi forçado, mas eu já me sentia preparado, nesse momento já. Mas, com o boom midiático que ia acontecer, e eu sabia, porque eu tava na organização do campeonato e tudo... sabia de tudo que ia acontecer, nacional e internacionalmente [ênfase em “internacionalmente”]. Não, internacionalmente, foi mais uma surpresa, assim. Mas, nacionalmente, eu sabia do boom midiático que ia ter. Então, eu meio que contei pra família também. Foi um período, assim, de sair do armário, ganhar o campeonato, a explosão do time... foi tudo, assim, uma chuva de arco-íris na minha cara, sabe, assim? Foi [voz de riso] muita coisa, mas, foi muitas coisas boas, né, graças a Deus. (Lúcio, BhARBixas, 2023)

A reflexão sobre o estado do time fez com que Lúcio (BhARBixas, 2023) tivesse que refletir sobre o seu próprio estado e decidir fazer uma mudança nele. Assim, a mídia faz com que processos reflexivos sejam gerados tanto por parte do público externo em relação aos times quanto por parte dos próprios membros das equipes. Também Anthony Giddens (1993) afirma que, na contemporaneidade, os indivíduos estabelecem um *processo reflexivo do eu* recorrendo a diversos *recursos reflexivos*, tais como a mídia, os manuais de autoajuda e a terapia. Tudo isso auxilia os indivíduos a repensarem sobre si. Ângelo (BhARBixas, 2018) me indicou alguns produtos midiáticos que ele achou que me ajudariam nas minhas discussões sobre gênero. Um deles foi o canal do *YouTube* de Paulo Vaz, que

havia sido jogador do Bharbixas e era um homem trans gay³⁴. Antes de irmos para o aniversário de um ano do Bharbixas no Mineirão, eu passei na casa dele para irmos juntos. Lá, ele também me apresentou um episódio³⁵ de um desenho animado brasileiro chamado *Irmão do Jorel*, do *Cartoon Network*. Ele fez questão que eu prestasse atenção em falas e cenas que desconstruíam estereótipos de gênero, como quando os personagens discutem o que é coisa de menino e o que é coisa de menina, e o que significa ser “mulherzinha”. É interessante, porque ele apresentava alguns comportamentos que poderiam ser lidos como afeminofóbicos, mas refletia sobre isso e conseguia, até certo ponto, identificar a afeminofobia.

No entanto, são as *novas mídias* os recursos que mais têm passado a ocupar um papel central nesse cenário. Claudio Xavier (2018) aponta como as redes sociais têm sido usadas para a construção de uma imagem de si por parte dos indivíduos na contemporaneidade. Essas mídias produzem novas formas de relacionamento e produção de memórias. O autor cria o conceito de *egomuseu*, para apontar como os sujeitos documentam exposições de si através do *Instagram*. Podemos dizer que essa exposição de si também acontece em aplicativos

34 Paulo Vaz, conhecido como Popó Vaz, era um importante ativista pela causa trans de expressão nacional. Ele também era policial militar e influenciador digital. Era casado com o também influenciador Pedro HMC, dono do canal, famoso no meio LGBTQIAPN+, Põe Na Roda. Paulo faleceu aos 36 anos, em 2022. Como me explicou Pedro (Bharbixas, 2018), ele participou do Bharbixas apenas nos primeiros encontros do time, tendo se mudado para São Paulo em seguida.

35 Episódio 25 da 1ª temporada, *Fúria e Poder Sobre Rodas*.

de relacionamentos para homens não heterossexuais, como o *Grindr*, ainda que com finalidades diferentes. Xavier (2018, p. 3) explica como funciona a interação por meio de mídias digitais como o *Instagram*: “de uma forma geral, nas redes sociais *online* os sujeitos são convidados a falarem cotidianamente sobre si. Talvez, seja melhor dizer que os sujeitos são instigados ou intimados a exporem-se”.

Por isso, as redes sociais revelam muito sobre os seus usuários: seus desejos, suas preferências, seus sentimentos, suas perspectivas, seus pensamentos e suas ações. Nesse contexto, o ideal de si construído nas mídias sociais é sempre atualizado e reconstruído. Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava para uma leitura da imagem de si que o Bhabixas produzia nas redes sociais, muito mais voltada para a festa do que para o futebol, na visão dele: “por exemplo, se cê entrar no *Instagram* do Bhabixas, dificilmente você vai ver que é um time de futebol”. As formas como os membros do Bhabixas e do Mano-Tauros posavam para as fotos eram bastante distintas e estavam relacionadas tanto com a manifestação de gênero dos jogadores quanto com a ênfase no futebol ou na festa. Dessa forma, o *Instagram* era importante na criação da identidade desses times e na visão que se estabelecia sobre eles.

A moeda de troca que guia as interações entre os sujeitos é o *like*. Quanto mais *likes*, mais aprovação. Quem não se expõe, não realiza essas trocas, e, de certa forma, não existe na dinâmica da vida contemporânea. Por isso, há uma sensação de que a vivência só está completa quando vista pelos outros. Nesse contexto, o que é compartilhado nas redes faz parte da construção de si dos sujeitos.